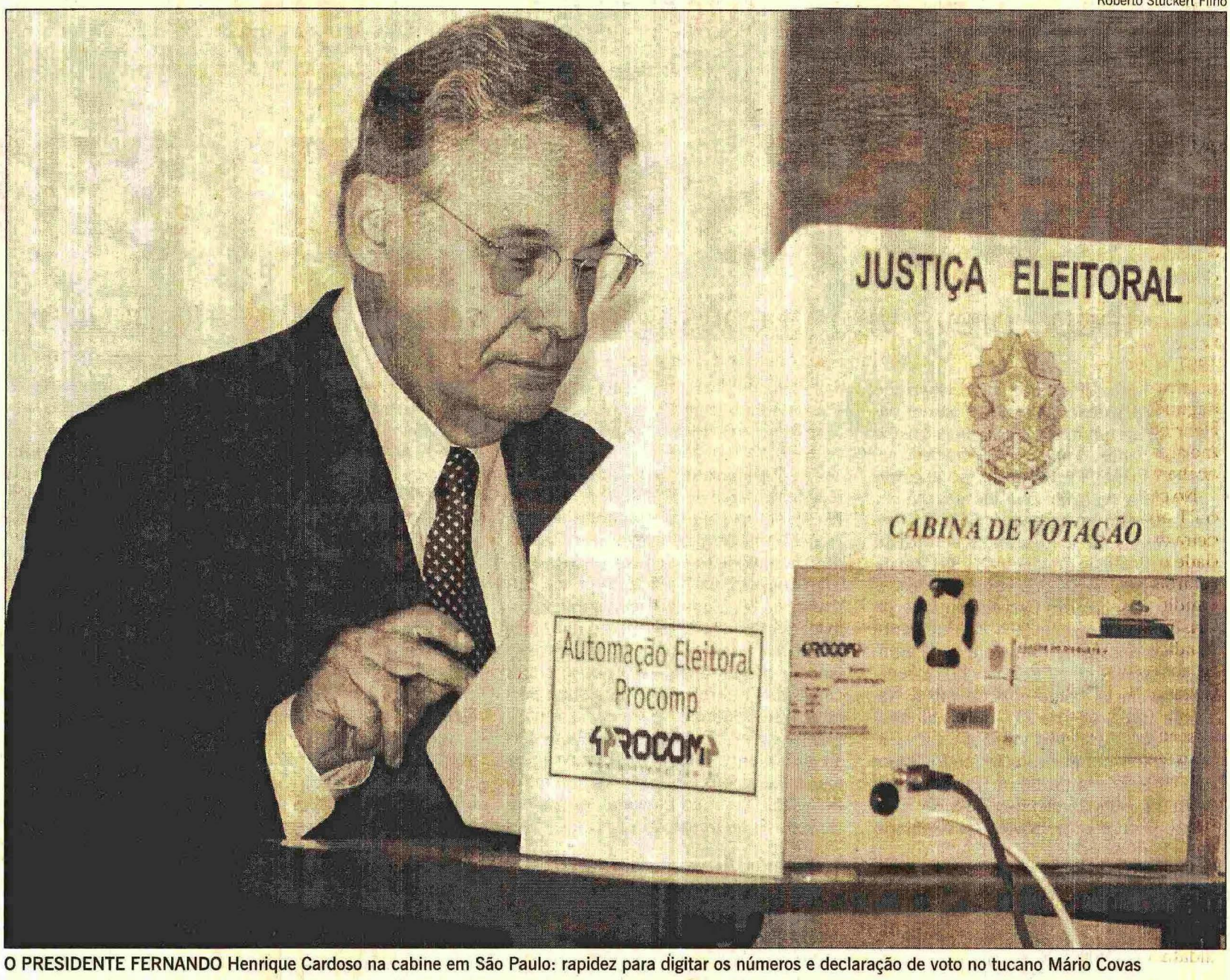
Roberto Stuckert Filho



O PRESIDENTE FERNANDO Henrique Cardoso na cabine em São Paulo: rapidez para digitar os números e declaração de voto no tucano Mário Covas

Presidente vota em 30 segundos em escola de São Paulo e é aplaudido

Cabos eleitorais se animam a fazer boca de urna com a chegada de FH à seção

Daniel Hessel Teich e
Fabíola Girardin

• SÃO PAULO. Aplaudido por cabos eleitorais e curiosos que se aglomeravam em frente à Escola Estadual Alberto Levy, em São Paulo, Fernando Henrique foi rápido ao votar. Após quase uma hora e meia de viagem entre Brasília e São Paulo, o presidente, que já está reeleito, segundo pesquisas de boca de urna, levou 30 segundos para digitar os números de seus candidatos na urna eletrônica da 72ª seção e fez questão de deixar clara a sua opção.

— Eu votei no Covas — disse, antes de entrar no carro da Presidência da República.

O presidente chegou a São Paulo por volta das 11h20m e encontrou todo o percurso entre o aeroporto e a escola, no bairro de Indianópolis, enfeitado com bandeiras com seu nome. Na porta do local de votação, cerca de 20 cabos eleitorais com camisetas de sua campanha o aguardavam. Até o presidente chegar à escola, nenhum cabo eleitoral fazia boca de urna. No entanto, grupos que faziam propaganda para o candidato a deputado federal Paulo Kobayashi (PSDB) e para o candidato a governador Francisco Rossi (PDT) estavam com sacolas cheias de santinhos a bonés.

Curiosos se empolgam com FH e gritam "lindo, lindo"

Assim que chegou, Fernando Henrique foi saudado pelos militantes tucanos e por 50 curiosos que esperavam no local para ver de perto o presidente. A exemplo do que acontece com artistas e celebridades, ele foi recebido com gritos de "lindo, lindo" pelo público.

Em meio aos admiradores que saudavam o presidente, o senador Romeu Tuma (PFL-SP), que já o tinha recebido no aeroporto, fazia coro com os cabos eleitorais da porta da escola e considerava certa a vitória de Fernando Henrique ainda no primeiro turno. No entanto, considerava muito difícil a possibilidade de o candidato tucano ao Governo do estado (Mário Covas, governador licenciado) conseguir superar Paulo Maluf (PPB), candidato apoiado pelo PFL em São Paulo.

— Não tive a oportunidade de conversar muito com o presidente. Ele apenas me disse: "Você não falta mesmo, senador" — afirmou Tuma, que também vota na escola Alberto Levy, só que na 83ª seção.

O senador tem dois filhos, Robson e Romeu Jr., que concorrem, respectivamente, a vagas na Câmara dos Deputados e na Assembléia Legislativa.

"Eu votei no Mário Covas"
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Alguns se irritam mas outros vão à escola só para ver FH

Parte dos eleitores ficou irritada com os bloqueios na entrada principal do prédio por causa do presidente e com a fila na 72ª seção. Mas houve quem fosse à Escola Alberto Levy apenas para ver Fernando Henrique Cardoso.

— Eu voto no Jabaquara, mas fiz questão de vir quando soube que o presidente estaria aqui. Eu conheço a história dele todinha, desde os tempos de estudante — dizia a auxiliar de serviços gerais Geraldina Maria da Silva de Oliveira, de 65 anos.

Ontem ela dizia ter realizado o sonho de ver o presidente de perto. Apertou a mão dele depois de esperá-lo por quase uma hora sob sol forte e lançar-se por cima dos seguranças que abriam passagem para Fernando Henrique.

O administrador de empresas Orlando Joaquim, que também não votava na escola, levou para lá o que considerava uma relíquia. Ele exibia com orgulho uma bandeira que guarda desde a campanha de 1994 em que o nome do presidente e o de Mário Covas aparecem juntos. Segundo ele, a bandeira foi retirada dos restos de campanha que ficaram na porta da Alberto Levy quatro anos atrás.

— Acho que vai dar para conseguir uma bandeira este ano de novo. Esta aqui já deu o que tinha que dar — disse.

Eleitor fiel de Fernando Henrique, ele se disse em dúvida quanto ao voto para governador do estado. Ele acha que o desempenho de Covas ficou muito aquém do esperado. Joaquim acredita que o presidente é a pessoa mais indicada para conduzir o país frente à perspectiva de uma crise econômica.

— Essa crise é mundial e o presidente tentou mudar muita coisa e não conseguiu porque o Congresso não ajudou. Eu voto nele quantas vezes precisar — disse o administrador. ■